

A mama África

Valor Econômico – Cultura - 11/05/2007

A esquadra portuguesa que veio dar em águas brasileiras, no início de 1500, trazia entre seus 200 homens um grumete da Guiné-Bissau. Era o primeiro africano a ter contato com o que se tornaria ao longo dos três séculos seguintes o destino de cerca de 5 milhões de negros escravizados. Uma ponte marítima que deixaria efeitos quase incomensuráveis dos dois lados do Atlântico. Na tentativa de dimensionar as conseqüências da expressiva presença africana no Brasil, durante o período da escravidão e no pouco mais de um século que nos separa da abolição da escravatura, novas abordagens têm surgido para completar as lacunas que ainda hoje persistem em dificultar a compreensão dessa complexa relação.

O resultado de dez anos de pesquisas coordenadas pelos geneticistas Sérgio Danilo Pena, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e Maria Cátira Bortolini, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), confirma a grande diversidade de povos africanos trazidos para cá. Os estudos foram conduzidos em diversas regiões e centros urbanos, como Porto Alegre, São Paulo, Rio e Salvador, e procuraram mapear geneticamente a origem dos múltiplos grupos étnicos que compuseram a diáspora negra africana em direção ao Brasil.

A primeira conclusão do levantamento abala um mito até então amplamente aceito nos meios acadêmicos: o de que a maioria dos negros escravizados, algo em torno de 70%, e incorporados à economia da antiga colônia portuguesa nas Américas, teriam sido capturados na região de Angola. A análise do material genético compartilhado entre brasileiros e africanos mostrou que o número de pessoas oriundas de regiões como o noroeste da África, entre os atuais Senegal e Nigéria, chega a ser quase quatro vezes maior do que as suposições históricas. Esses dados mudam a análise sobre o peso da influência das práticas culturais dos diversos grupos negros no Brasil.

Outro dado relevante surgiu com um teste realizado na cidade mineira de Queixadinha. Em um universo de 173 homens pardos, negros e brancos constatou-se que em média os três grupos possuíam em proporções semelhantes de seu DNA autossômico, localizado no interior de quase todas as células do corpo humano, informações relacionadas a uma ancestralidade africana. "Independentemente da cor de sua pele, a maioria dos brasileiros tem um grau significativo de ancestralidade africana, européia e ameríndia. Não faz sentido falar em populações de brasileiros brancos ou negros por causa da pobre correlação entre cor e ancestralidade", explica o geneticista Sérgio Pena. "Na verdade não faz sentido falarmos em raça para nenhum dos povos da Terra. A espécie humana é demasiadamente jovem e móvel para ter se dividido em raças", complementa.

No entanto, o dado mais revelador das pesquisas promovidas por Pena é o que aponta para o vetor de transmissão das heranças genéticas africanas em terras brasileiras. A partir da análise do chamado DNA mitocondrial, responsável pela transferência dos dados genéticos das mães para os filhos, e do cromossomo Y, responsável pelos dados paternos, constatou-se que 85% dos negros em São Paulo apresentam características africanas herdadas de mulheres, ante 48% de origem masculina.

Esses números se repetem com pequenas variações no Rio e em Porto Alegre, confirmando sob o ponto de vista genético o que já se sabia historicamente. As mulheres, apesar de ter sido trazidas da África em menor número, foram amplamente utilizadas como objetos sexuais por homens não negros, sendo as principais responsáveis pela manutenção dos genótipos originários daquele continente na população brasileira.

Eugenio Savio/Valor

O geneticista Sérgio Danilo Pena: "A espécie humana é demasiadamente jovem e móvel para ter se dividido em raças"

Mas esse importante papel de guardiãs da memória genética dos povos africanos no Brasil não salvou as mulheres negras de um destino trágico. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgados no fim do ano passado atestam que a elas tem sido reservada a base absoluta da pirâmide social brasileira.

Comparadas com os homens brancos, no extremo oposto da hierarquia social, em média elas recebem cerca de 43% dos rendimentos deles. Entre as negras o desemprego atinge taxas superiores a 20%, ante pouco mais de 10% entre aqueles que ocupam o topo da pirâmide. Como se não bastasse, precisam conviver com o fardo da invisibilidade cultural. Para fazer frente a um quadro tão desfavorável, a Rede de Desenvolvimento Humano, com a **Editora Senac**, lançou o livro "Mulheres Negras do Brasil". A publicação nasceu como extensão de outra obra, "Dicionário Mulheres do Brasil", editada por ocasião das comemorações dos 500 anos do Descobrimento.

A negra "está na base de sustentação da nossa sociedade. É preciso se conhecer para se reconhecer", diz co-autor de livro lançado pelo Senac

"Tudo começou em 1997, quando iniciamos uma pesquisa sobre a participação das mulheres no país. Ao olharmos para a história oficial, percebemos que é uma história de brancos e homens. Durante a preparação do dicionário, vimos a dificuldade de encontrar as mulheres negras nos registros; nasceu daí o compromisso de elaborar um trabalho que cobrisse essa lacuna", conta Schuma Schumacher, autora do livro, ao lado de Érico Vital Brazil.

Schuma utiliza um episódio vivido por ela para realçar a importância da obra. "Estive recentemente em Diamantina (MG) e em todos os cantos se vê 'a cidade de JK'. É claro que Juscelino Kubitschek foi uma personalidade de grande importância para o país, mas em nenhum lugar eu vi alguma menção a Chica da Silva, uma figura histórica que teve profundos laços com a região."

Em busca do resgate desta e de outras histórias, os autores e a equipe de pesquisadores envolvida no projeto consumiram 39 meses de trabalho. O resultado é a recuperação de narrativas históricas, como as que falam sobre o papel importante que as antigas quituteiras tiveram no processo de resistência das populações negras nos centros urbanos da colônia e do império, ao criar uma rede de comunicação que

permitia, entre outras coisas, o auxílio a fugas de escravizados.

Dois capítulos igualmente importantes são os que tratam do papel que as mães-de-santo e as irmandades negras tiveram, e ainda têm, para a manutenção dos elementos da cultura africana deste lado do Atlântico. Ricamente ilustrada, a obra traz curiosidades, como uma reprodução do passaporte de Melania Luz, a primeira atleta negra brasileira a participar de uma Olimpíada, em Londres, em 1948.

"A mulher negra está na base de sustentação da nossa sociedade. É preciso se conhecer para se reconhecer. As necessidades desse reconhecimento são grandes exatamente para que possamos construir um país mais justo", pondera Érico Brazil, ao justificar a importância do livro, que terá três mil cópias distribuídas gratuitamente em bibliotecas e organizações não governamentais.

Encurtar a distância simbólica entre o Brasil e a África em busca desse reconhecimento é também o objetivo da cineasta brasileira Liloye Boubli, que vem produzindo e dirigindo o documentário "Festas dos Reis Negros", com lançamento previsto para o início de 2008. Filmando há cinco anos em locais distintos como Angola, a periferia do Recife e o interior mineiro, Liloye procura, por meio das imagens e da música, capturar os elementos que ligam esses lugares.

"O filme tem a vertente musical porque na África cultura, religião e sociedade não estão dissociadas. Encontrei na coroação do soba angolano [chefe do povo], na congada mineira e no maracatu pernambucano elementos muito parecidos e uma atividade agregadora. É interessante perceber na periferia recifense, que é muito violenta, elementos de profunda solidariedade nascidos da mobilização pelo maracatu, por exemplo", comenta.

Para a cineasta, essas manifestações culturais essencialmente muito próximas entre si nos dão indicações de como essas populações historicamente envolvidas em conflitos e vitimadas por flagelos como a pobreza e a escravidão foram capazes de, por meio do lúdico, enfrentar os desafios impostos à negritude.

Novas luzes sobre a diáspora negra no Brasil são, no entender de Schuma Schumacher, um caminho indispensável para repensarmos nosso projeto de nação. "A sociedade brasileira precisa assumir o seu racismo, não no sentido confessional; precisamos assumi-lo por inteiro para que possamos lidar com questões como a das cotas [nas universidades]. Precisamos nos envergonhar de muitas coisas que têm sido feitas até aqui. Por outro lado, ao olharmos para as mulheres e os homens negros, podemos perceber que eles têm se organizado e vêm construindo uma auto-estima. Mostrar suas contribuições em diversos setores da vida do país é um caminho para repensar tudo o que está aí."

<http://www.valoronline.com.br/valoreconomico/285/euefimdesemana/cultura/A+mama+Africa+...47,4305324.html?highlight=&newsid=4305324&areaid=47&editionid=1757>